

dades no emaranhado de problemas e incompetências, bem mais visíveis e destacadas, mas que podem 'existir realmente ou ser fruto da não atribuição de competência' (p.103). Ora, centrarmo-nos nas famílias e nas suas competências (pp.101-106) não é impossível e é desejável como 'estratégia de capacitação', o que 'significa aceitar que são os clientes os mais aptos a definir e a compreender as suas necessidades, a actualizar os seus recursos, a gerar o desenvolvimento, partilhando o saber-fazer com os outros e gerindo os recursos de suporte da comunidade' (p.103). E isto, baseando-se no postulado da informação pertinente, onde é relevante a diferença que faz a diferença, permitindo introduzir algo de novo no sistema a partir dele próprio. Por outro lado, importa evitar algumas armadilhas na intervenção e agir a partir das suas próprias competências e diferença. Imagino muito frequentemente, a tentação de desqualificação de tais princípios enunciados que pairam na mente de quem lida, quotidianamente, com estas famílias, mas essa é uma das permanentes armadilhas que não deixa ver mais além.

As emoções dos técnicos são aqui também discutidas, porque não podemos ignorar sentimentos como a implicação incontrolada, o elevado investimento para ver as coisas a evoluir, o esgotamento, a impotência, a raiva, a angústia (pp.123-127), etc., assim como o armadilhamento potencial da relação estabelecida. E 'devemos salientar a nossa incapacidade para dar soluções mágicas e infalíveis' (p.127).

O livro termina com um capítulo dedicado às mulheres, uma vez que uma das características encontradas pela autora foi que 'os serviços de apoio e as redes informais de ajuda são um mundo feminino [já que] profissionais, voluntários e utentes são, em larga maioria, mulheres' (p.129), equacionando-se, desta forma, o papel do género e das questões a ele associadas.

Que a problematização aqui contida e as pistas lançadas por esta obra façam eco no mundo académico e profissional nesta área plena de dificuldades, mas, acima de tudo, de enormes potencialidades e desafios.

**Sónia Guadalupe**  
*Instituto Superior Miguel Torga*

**Teppo Kröger e Jorma Sipilä (eds.). 2005. *Overstretched: European Families up Against the Demands of Work and Care*. Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishing. 167 pp. ISBN: 1-4051-3212-4.**

As finlandesas Teppo Kröger e Jorma Sipilä publicam, nesta obra de título tão expressivo, alguns dos resultados de um projecto de investigação transnacional financiado pela Comissão Europeia. O projecto SOCCARE adoptou uma concepção integrada do conceito de *social care*, doravante traduzido como soluções/serviços de acolhimento, definindo-os como 'a provisão de assistência e vigilância de modo a apoiar as crianças ou os adultos nas actividades do seu dia-a-dia'. Nela se incluem quer a provisão formal de serviços por organizações públicas, privadas ou voluntárias, quer as soluções informais garantidas por membros da família, vizinhos e amigos.

O objectivo era estudar os arranjos realizados pelas famílias europeias, quanto às soluções de acolhimento, em cinco ambientes sócio-económicos e culturais diferentes, representantes da variedade de Sistemas de Bem-Estar europeus. Assim, o estudo realizou-se em países onde as políticas e serviços de apoio à família estão relativamente bem desenvolvidas e estabelecidas (Finlândia e França); países onde estão em expansão (Reino Unido); e países onde continuam significativamente subdesenvolvidas (Portugal e Itália). Quanto às famílias, foram definidas quatro categorias particularmente sujeitas a formas de pressão e stress por efeito das mudanças demográficas, sócio-económicas e estruturais em curso: as famílias monoparentais, as famílias de duplo salário, as famílias imigrantes e as famílias com crianças e idosos dependentes em simultâneo.

Este estudo comparativo pretendeu 'olhar para os serviços de acolhimento através dos olhos das pessoas que os utilizam' (p.1), escapando, assim, àquilo que designam como a 'cegueira' das análises macro e sua inabilidade para dar conta da diversidade e pluralidade de arranjos e combinações encontradas pelas famílias para articularem a sua vida profissional e produtiva com a sua vida familiar. Partindo da convicção de que os dados estatísticos estão longe de traduzir as mudanças, na forma como os indivíduos, homens e mulheres, gerem a sua participação no mercado de trabalho ao longo do tempo,

optou-se por uma metodologia qualitativa baseada na realização de entrevistas a quatrocentas famílias, nas quais estas poderiam formular 'o problema' nos seus próprios termos, contribuindo, dessa forma, para a compreensão dos motivos de uma conciliação frequentemente dita como insatisfatória.

Os editores começam por colocar um conjunto de questões extremamente pertinentes e cujas respostas, com certeza, preocuparão uma grande diversidade de actores sociais, desde os indivíduos e famílias, até aos cientistas sociais, passando pelos decisores políticos para quem as questões do envelhecimento da população, por efeito do decréscimo das taxas de natalidade, e da ineficácia das reformas políticas nestas áreas têm sido tão caras. As referidas questões organizam-se em torno do papel dos serviços de acolhimento relativamente às necessidades quotidianas das famílias europeias no tratamento e acolhimento de crianças, idosos e outros dependentes, num período em que estas estão sob grande pressão e tensão.

A importância heurística deste trabalho é inegável, numa altura em que a contribuição das famílias para a produtividade (aumento do seu output económico) e para a manutenção e futuro dos estados de bem-estar europeus é tão discutida. Compreende-se, cada vez mais, que a contribuição a custo zero das famílias/mulheres para a reprodução está a terminar; a intensificação da sua participação no mercado de trabalho amplifica os custos sociais do apoio/cuidados de crianças e idosos, pressionando cada vez mais os estados (não obstante a grande diversidade das respostas estatais no apoio à família, nos diferentes países europeus). Desta forma, e segundo os autores do estudo, a questão do momento não é, meramente, a do balanço trabalho-família, mas a do (des)equilíbrio *paid work-non paid care*, traduzível na questão de saber quem assumirá os custos dos cuidados às crianças e idosos, numa altura em que as famílias/mulheres são, cada vez mais, chamadas a participar no esforço do aumento da produtividade e competitividade dos países europeus?

A obra organiza-se em oito capítulos, consistindo o primeiro na Introdução editorial e correspondendo cada um dos restantes a um artigo original escrito, a partir da reanálise dos dados, pelos membros das cinco equipas nacionais.

Assim, Blanche Le Bihan e Claude Martin

analisam, no segundo capítulo, as importantes consequências da flexibilização dos horários de trabalho (atípicos e imprevisíveis) na vida diária e ritmos das famílias de duplo salário e das famílias monoparentais em Portugal, França e Finlândia. A intenção é compreender como os horários de trabalho atípicos dificultam o acesso das famílias aos serviços de acolhimento (a Finlândia é o único dos três países comprometido com a provisão de serviços de acolhimento 24 horas por dia) e o seu efeito sobre a organização familiar. Na verdade, os três países foram seleccionados por apresentarem consideráveis diferenças em ambos os domínios. A Finlândia é o país onde este tipo de horários é mais comum, mas oferece os melhores serviços. A França, numa situação intermédia, ainda que deficitária em termos dos horários dos serviços de acolhimento. Portugal, com pouca relevância dos horários atípicos, muita insuficiência na cobertura e horários dos serviços de acolhimento, e conseqüente recurso a soluções informais. No entanto, as autoras relativizam a importância da disponibilidade dos equipamentos de apoio à família, entendendo que o que determina os impactos dos horários atípicos para as famílias é a sua negociabilidade e previsibilidade.

No terceiro capítulo, Karin Wall e José São José exploram as dificuldades de conciliação trabalho-família sentidas pelos imigrantes, chamando a atenção para os diferentes padrões de vulnerabilidade apresentados por diferentes tipos de famílias imigrantes. Conclui-se que especialmente as famílias imigrantes mais vulneráveis se encontram bastante desprotegidas, carecendo a sua situação de atenção particular por parte dos vários sistemas de bem estar. Note-se que a inexistência de redes familiares ou de vizinhança lhes dificulta o recurso a soluções informais. As mães sós imigrantes que trabalham em empregos mal pagos, enfrentam especiais dificuldades, acabando por recorrer a soluções informais pouco confiáveis e seguras.

Katja Repo (cap. 4) analisa os discursos das mães inglesas e finlandesas e conclui que, não obstante as grandes diferenças estruturais e ideológicas entre os dois sistemas de bem estar, a forma como elas constróem os significados do trabalho, da família e da divisão sexual dos papéis são muito semelhantes, apresentando o valor da igualdade como fundamental.

O artigo de Minna Zechner interpreta in-

teressantes histórias de vida de mulheres (finlandesas e italianas) que trabalham e cuidam simultaneamente de filhos e idosos dependentes, revelando a forma como racionalizam a sua situação e os seus compromissos, numa era multigeracional em que as trocas de ajuda e recursos entre gerações se tornam tão complexas. Estas mulheres (designadas como 'geração sandwich') que estão numa 'posição de ponte' confrontam-se em diversos momentos com a necessidade de negociar compromissos e soluções, notando-se nas suas histórias os impactos das diferenças culturais e estruturais entre os dois países.

Trine P. Larsen, no sexto capítulo, defende aquela que será, provavelmente, a tese mais polémica do conjunto do estudo, provocando a pesquisa contemporânea, ao negar a centralidade geralmente atribuída aos factores estruturais de cada país na explicação das dificuldades das famílias em matérias de conciliação. O argumento é que famílias com situações trabalho e família idênticas enfrentam os mesmos problemas de equilíbrio de esferas e responsabilidades, o que leva a autora a concluir que as especificidades nacionais são transcendidas por semelhanças estruturais nos arranjos de conciliação das famílias. Portanto, analisando nos vários países casais com situações sócio-profissionais e sócio-familiares idênticas, conclui-se que as diferenças nacionais não são determinantes como se tem julgado.

No sétimo capítulo, Simonetta Simoni e Rossana Trifiletti questionam alguns aspectos do novo tipo de família em expansão nos países mediterrânicos, resultante do aumento da esperança de vida. Trata-se da família multigeracional que tem vindo a implicar uma transformação nos modelos e práticas de acolhimento e cuidados, face ao esgotamento crescente da gratuitidade das soluções informais. As autoras procuram retratar a pressão em que se encontram particularmente as mulheres da geração *sandwich* em Itália, França e Portugal, chamando a atenção para a necessidade de um apoio e reconhecimento público a estas formas de reciprocidade familiar e de produção de capital social.

John Baldock e Jan Hadlow desenvolvem, no último artigo, uma outra dimensão fundamental desta problemática, ou seja, a persistência dos papéis sexuais e seus impactos. Partindo de uma reflexão em torno de dados quantitativos que revelam as tendências decorrentes da influência e determinação das

escolhas das famílias a partir de factores externos (acessibilidade dos serviços de equipamento, número e flexibilidade de horas de trabalho, nomeadamente), os dados qualitativos produzidos pelo estudo (e comparados com dados de outras pesquisas) vêm revelar que os (des)equilíbrios trabalho-família são, em grande medida, fruto das negociações dentro do casal, nas quais os homens dominam, fazendo prevalecer as suas preferências – 'veto masculino'.

O estudo termina com uma constatação pouco optimista, relativamente ao futuro das famílias e aos efeitos das reformas políticas para aliviar as pressões que sobre elas recaem. Segundo os autores, por mais flexível que seja o trabalho e as soluções de acolhimento, no coração do dilema trabalho-família estará sempre o problema da produtividade: a questão é ter muito para fazer, no tempo que se tem disponível, e demasiada incerteza na coordenação de todas as actividades que compõem a vida. As tendências para a intensificação da pressão sobre as famílias continuarão, como consequência da competição internacional e seus efeitos no mercado de trabalho. As famílias têm de gerir 'agendas' cada vez mais complexas e incertas e, além disso, ainda têm de lidar com a persistência dos papéis sexuais discriminatórios e o contínuo 'veto masculino' (p. 156).

**Rosa Monteiro**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**José Luís Pais Ribeiro. 2005. *Introdução à Psicologia da Saúde*. Coimbra: Editora Quarteto. 356 pp. ISBN: 989-558-045-2.**

Este novo livro de Luís Pais Ribeiro é uma leitura de grande interesse para aqueles que, de um modo ou de outro, se encontram ligados à área da psicologia e não apenas, especificamente, da psicologia da saúde. É um livro longo dividido em duas partes, respectivamente, 'A Pré-história da Psicologia da Saúde' e 'Doenças e Intervenção'.

Na primeira parte, o autor aborda a emergência e evolução da psicologia clínica; a emergência da psicologia da saúde; a psicologia no campo da saúde e a evolução do campo da saúde; a saúde e as doenças; qua-